

Bonaventura de Bagnoregio, *Questioni disputate della scienza di Cristo*, a cura di Francisco MARTÍNEZ FRESNEDA, traduzione dal latino Letterio MAURO, traduzione dallo spagnolo Francisco José DÍAZ MARCILLA, Antonianum, Roma 2005, pp. 359; ISBN 88-7257-065-4.

As Edições Antonianum trazem a lume, pela mão de Francisco Martínez Fresneda, uma publicação que reúne o estudo deste autor sobre a obra bonaventuriana – *Questões disputadas sobre a ciência de Cristo* – e a sua tradução italiana por Letterio Mauro. Redigidas pelo filósofo do século XIII, que conviveu de perto com o círculo intelectual da Universidade de Paris – onde estudou e ensinou – e com o ambiente espiritual da Ordem dos Frades Menores – da qual viria a ser Ministro Geral –, as *Questões disputadas sobre a Ciência de Cristo* dão testemunho da afluência da disciplina filosófica na resolução e esclarecimento dos assuntos de fé. No seu método, a legitimação das teses a partir dos textos da autoridade complementa-se harmoniosamente com uma argumentação cuidada que procura os fundamentos das teses avançadas e averigua a validade dos pressupostos. Na forma, expõe-se, através da sucessão das secções que compõem cada uma das questões colocadas – *pro, contra, respondeo, solutio obiectorum* –, o próprio movimento dialéctico da constituição do pensamento, segundo a convicção de que no confronto de posições o conhecimento se apura e se aclara.

Esta obra, que concederia ao autor medieval a sua licença para ensinar – como aliás assinala Francisco Martínez Fresneda na introdução –, acolhe, a propósito da ciência de Cristo, uma perspectiva global da teoria do conhecimento bonaventuriana. Com efeito, porque na figura central do Novo Testamento se dá a união das naturezas divina e humana, a meditação acerca da natureza e amplitude do conhecimento de Cristo debruça-se espontaneamente sobre os modos de cognição de Deus e do homem. Neste sentido, das sete questões que dão corpo a esta obra, as três primeiras especulam sobre o conhecimento de Deus, inquirindo sobre a sua extensão, o seu objecto e o seu procedimento; a quarta questão incide sobre o conhecimento humano na sua dependência da iluminação divina para a sua certeza; as três últimas questões discutem o carácter do conhecimento de Cristo na sua união hipostática de naturezas – criada e incriada, finita e infinita. É, pois, segundo estas linhas gerais que se desenvolve o texto de Boaventura e são estas que determinam o esquema do comentário que o antecede, da autoria de Francisco Martínez Fresneda. Acompanhando de perto as teses aí defendidas pelo Doutor Seráfico, o especialista espanhol interpreta-as a partir do confronto com outras obras do filósofo (nomeadamente o *Brevilóquio* e o *Comentário às Sentenças de Pedro Lombardo*) e com as posições dos seus antecessores espirituais, como Agostinho e Alexandre de Hales. Neste decurso, põe a nu uma concepção exemplarista do Divino – na esteira da qual, todo o conhecimento se processa por visão, directa ou mediada, das razões eternas da mente de Deus – e aflora a dimensão mística da sabedoria da alma

humana que, não podendo, na sua finitude criada, abarcar a infinitude divina, se deixa arrebatado pelo seu objecto.

A conjugação de uma dupla exigência de clareza e profundidade, que marca a introdução, verifica-se simultaneamente na tradução italiana de Letterio Mauro, que assenta no compromisso entre a fidelidade ao texto bonaventuriano e a compreensão do mesmo por parte de um público não especializado. A este propósito, note-se, a título de exemplo, a tradução do termo latino «*contuitio*», ora por «*visione*» [visão], ora por «*intravisione*» [entrevisão]. Letterio Mauro pretere, neste caso, uma tradução mais próxima da letra, que o faria optar pelo latinismo «*contuizione*» [*contuizione*] – expressão que Fresneda emprega a partir do espanhol e que o seu tradutor – Francisco José Díaz Marcilla – transpõe para o italiano. Não obstante, a tradução levada a cabo revela uma grande familiaridade com o espírito da obra de Boaventura, servindo-se da noção de «visão», quando a palavra «*contuitio*» ocorre no seu sentido lato, e da noção de «entrevisão», quando ocorre no seu sentido estrito, para designar o conhecimento que o homem alcança de Deus através das suas representações. Com efeito, o prefixo «*intra-*», que integra o verbo «*intravedere*» – como aliás o prefixo «*entre-*» português do verbo «*entrever*» – designa, não apenas um «através de», mas, simultaneamente, um «dentro de», lembrando por isso que o Divino é especulado *pelas e nas* suas criaturas. Assim, a utilização de termos comuns não perturba a acuidade da tradução e permite a compreensão imediata do sentido do texto.

Um extenso índice analítico e uma bibliografia acurada complementam este volume que, na excelência das várias partes que o compõem, dá testemunho da solidez filosófica do autor de Bagnoregio e traz à actualidade da língua e do pensamento um dos vestígios significativos do debate intelectual da Idade Média.

Filipa Afonso
(Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa)

Gérard SONDAG, *Duns Scot: La métaphysique de la singularité*, (coll. Bibliothèque des philosophes) Librairie philosophique J. Vrin, Paris 2005; 238 pp.; ISBN 7-7116-1729-7.

Gérard Sondag, professor da Universidade Blaise-Pascal de Clermont Ferrand, inclui-se entre os principais conhecedores de Duns Scotus da actualidade, como se pode constatar pelo número e o valor de suas publicações.

O presente volume procura ser uma leitura da metafísica scotista. Ora, lançar-se a esse tema exige muita competência e também uma certa dose de coragem, pois Scotus não é um autor de fácil compreensão. Somos de parecer, porém, que o colega francês foi feliz